

AS PREFERÊNCIAS EMPRESARIAIS E O CENTRÃO

Gilmar Mendes Lourenço

A conjuntura política brasileira foi palco de dois episódios extremamente relevantes neste começo do segundo semestre de 2018: i) o indisfarçável apreço demonstrado pela Confederação Nacional da Indústria (CNI) ao postulante ao cargo de presidente da república pelo Partido Social Liberal (PSL), Jair Bolsonaro; e ii) o arranjo de apoio do “centrão” ao também presidenciável Geraldo Alckmin, do Partido da Social Democracia Brasileira (PSDB), depois de o grupo ter negociado com Ciro Gomes, do Partido Democrático Trabalhista (PDT), e o próprio Bolsonaro, que permaneceram desprovidos de alianças.

Começando pela inclinação corporativa ao candidato de direita do PSL, mesmo com visíveis debilidades programáticas e deficiente amparo político, parece prudente reconhecer a influência exercida pelo costumeiro repúdio dos donos do capital a propostas de conteúdo intervencionista e/ou aventureiras, algumas delas com pronunciada propensão de inclusão social.

Nessa perspectiva, a retórica de Bolsonaro vem repleta de pontos sensíveis ao clamor das elites empresariais, caracterizados pela ausência de aspectos ligados a acenos de conciliação e moderação, posturas diplomáticas e diminuta clareza no elenco de intenções e proposições, marcas, aliás, bastante comuns dos entes políticos quando da perseguição à obtenção de votos para mandatos populares.

Na mesma linha, o esgotamento do populismo redistributivista e o sepultamento ético do PT, com as investigações que resultaram na comprovação, dentre outras coisas, da orquestração e realização de verdadeiros assaltos aos cofres das empresas estatais e à peça orçamentária, tenderam a beneficiar, em um primeiro momento, posições diametralmente opostas, ainda que com frágil capacidade de convencimento coletivo, especialmente no tocante aos procedimentos sugeridos para o tratamento dos problemas de segurança pública e ao conservadorismo nos costumes.

Lembre-se aqui que as ações populistas foram bancadas, desde 2003, por insustentável impulsão do endividamento público e da carga tributária e controle artificial dos preços administrados (câmbio, tarifas de serviços públicos e combustíveis), com ápice em 2015, por ocasião do começo do segundo mandato de Dilma Rousseff.

Passando ao acordão que favorece a candidatura do PSDB, a expressão “centrão” serve para designar um conjunto de agremiações políticas, com pronunciada representação no Congresso Nacional, carentes de identidade ou plataforma programática consistente. Ademais, o grupo é umbilicalmente ligado aos governos de plantão, no afã da arregimentação de vantagens, normalmente oriundas da distribuição de verbas públicas e cargos, nos diferentes redutos da esfera da administração federal.

A maioria dos partidos que o compõe - progressista (PP), da república (PR), republicano brasileiro (PRB), Solidariedade e Democratas (DEM) – participaram ativamente dos governos do PSDB e do Partido dos Trabalhadores (PT), desembarcaram da canoa furada da gestão Dilma, em 2016, empunharam a bandeira do impeachment e apoiaram Michel Temer.

A preferência manifestada pelo “centrão” por Alckmin levou em conta os atributos trazidos pela experiência e previsibilidade do candidato tucano, apesar do pífio desempenho demonstrado, até aqui, nas sondagens efetuadas junto ao eleitorado pelas instituições de pesquisas, o que deve propiciar o alargamento do tempo de aparição na propaganda de rádio e televisão e ampliar os palanques regionais.

De outro lado, a desistência de amparo a Ciro e Bolsonaro derivou do fato de o primeiro hospedar-se no sétimo partido diferente e empenhar-se na caça da massa simpatizante do ex-presidente Lula, condenado e preso em Curitiba e impedido de concorrer ao pleito pela Lei da Ficha Limpa. No caso de Bolsonaro, emerge a multiplicação das dificuldades

As ações populistas foram bancadas por insustentável impulsão do endividamento público e da carga tributária e controle artificial dos preços administrados.

de celebração de acordos, por conta do emprego de uma retórica crítica, centrada no descrédito da classe política - trunfo para o alargamento de popularidade -, a despeito de sua prolongada trajetória como parlamentar.

Por essas duas ordens de argumentações, esboçadas pelas atitudes explicitadas pela CNI e “centrão”, urge atentar que, desde fins dos anos 1960, a sociedade brasileira, capitaneada pelos estratos médios da pirâmide, sindicatos e fração relevante do empresariado, organizou trincheiras de repúdio ao enorme aparato de desmandos praticados pelo estado ditatorial, aparentemente revivido e/ou encampado hoje por certas correntes.

Ao mesmo tempo, os desdobramentos da operação Lava Jato vem servindo para consolidar a condenação, por parte da população brasileira, daqueles acertos firmados nos andares de cima do edifício da política, dissociados, na maioria das vezes, das aspirações e necessidades das multidões, e pagos com majoração da já escorchante carga de impostos.